

Colonialismo digital à vista na guerra fria comercial entre EUA e China: o caso Huawei¹

Patrícia MAURÍCIO²

Raquel ALMEIDA³

Creso SOARES Jr.⁴

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O governo Trump abriu em maio de 2019 uma ofensiva na guerra fria comercial com a China, ao determinar que o Google suspendesse a oferta de seu sistema operacional Android para a gigante chinesa Huawei, potente conglomerado que desenvolve equipamentos para rodar a rede móvel 5G. A partir da análise de reportagens publicadas sobre essa crise e apoiados em bibliografia da Economia Política da Comunicação, problematizamos os efeitos desses conflitos nos usuários periféricos, atrelados a esse capitalismo informacional, que minera dados e os rentabiliza. Concluimos que a frágil e subserviente política industrial brasileira nos coloca como reféns e sem qualquer capacidade de reação a esses movimentos de governos e empresas dominantes da comunicação digital.

Palavras-chave

5G; Google; Huawei; Economia Política da Comunicação; políticas de comunicação, de cultura e de informação.

¹ Trabalho apresentado no GP Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora e pesquisadora do PPGCom da PUC-Rio, doutora pela ECO/UFRJ, e-mail: patriciamauricio@puc-rio.br.

³ Doutoranda do PPGCom da PUC-Rio, e-mail: raqalmeida@gmail.com.

⁴ Mestrando do PPGCom da PUC-Rio, e-mail: creso.soaresjr@gmail.com.

Introdução

O presidente americano Donald Trump decretou, em maio de 2019, estado de emergência na área de tecnologia dos EUA. O objetivo alegado foi evitar que empresas estrangeiras consideradas suspeitas entrem na área de infraestrutura tecnológica americana. Com a decretação desse estado de emergência, o presidente dos Estados Unidos ganhou o direito de criar uma lista de empresas com as quais as companhias americanas não podem negociar, a menos que tenham uma licença⁵. A medida foi um ataque direto à empresa chinesa de tecnologia da comunicação e informação Huawei⁶. Com o novo poder, Trump determinou à empresa americana Google que não fornecesse o sistema operacional Android⁷, de sua propriedade, ou seus aplicativos, para os celulares da Huawei. O problema não é tanto com os celulares da chinesa, e sim com o fato de que a empresa está bastante desenvolvida na tecnologia 5G – quinta geração de internet móvel – e os americanos não estão. Enquanto isso o Brasil está fora desse jogo de poder, e isso não é um benefício.

Em 29 de junho de 2019⁸, na reunião do G20 no Japão⁹, Trump deu um passo atrás e anunciou que voltaria a conversar com o governo chinês sobre essas questões¹⁰. No entanto, no que diz respeito à questão trazida por este artigo, se o presidente americano de fato vai voltar atrás ou não nos ataques à Huawei não é o fator realmente importante. O importante é que tanto as empresas de tecnologia dos EUA quanto a China, ou apenas a Huawei, têm poder sobre os cidadãos brasileiros que são consumidores dos produtos tecnológicos, e sobre todos os cidadãos brasileiros, uma vez que também sofrem efeitos

⁵ “Trump declares national emergency over IT threats”. In: BBC News, 16/5/2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-us-canada-48289550>. Acesso em: 17/6/2019.

⁶ Este ataque foi um ponto importante de uma guerra comercial mais ampla dos EUA contra a China.

⁷ De acordo com o site de tecnologia Techtudo, sistemas operacionais são um conjunto de “programas que gerenciam todas as tarefas de um dispositivo [como o smartphone], e nos fornece uma interface visual para que possamos interagir com um sistema eletrônico sem necessariamente saber o que acontece dentro dele. Por exemplo: Enquanto você digita um texto em uma planilha, como o computador desenha e determina as linhas e colunas das tabelas? Como ele exibe as informações no monitor? Como ele faz os cálculos? No dia-a-dia, isso não importa. É tarefa do sistema operacional gerenciar todos os processos para o funcionamento correto dos aplicativos e do hardware”. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2011/01/afinal-o-que-e-android.html>. Acesso em: 25/6/2019.

⁸ Data do fechamento deste artigo.

⁹ Grupo das 19 maiores economias do mundo mais a União Europeia, criado em 1999 para favorecer a negociação internacional.

¹⁰ “G20 summit: Trump and Xi agree to restart US-China trade talks”. In: BBC News, 29/6/2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-48810070>. Acesso em 30/6/2019.

em suas vidas por conta das brigas por poder e dinheiro entre empresas e países hegemônicos. Este episódio é uma amostra disso.

As atuais redes móveis 4G podem oferecer velocidades de aproximadamente 45 Mbps (megabits por segundo) em média, podendo chegar a 1000 Mbps. Especialistas dizem que o 5G pode conseguir navegação e downloads até 20 vezes mais rápido. Mas o 5G não é só um 4G mais rápido. Com as Redes 5G a experiência das aplicações e serviços da Internet das Coisas (IoT) será ampliada. Um cirurgião pode fazer uma cirurgia à distância, porque praticamente não haverá atraso no envio dos dados (da ida e da volta). Ele poderá colocar luvas especiais, as quais estarão sendo vistas por ele em tela de altíssima definição replicando seus movimentos no corpo do paciente. Outro exemplo são empresas de energia, que poderão ter seus equipamentos conectados à rede 5G e ter controles automatizados. Ou seja, no limite, quem fornecer os equipamentos para conexão pode sequestrar o controle dessa infraestrutura.

O 5G é muito melhor que o 4G em lidar com milhares de dispositivos simultaneamente, de telefones a sensores de equipamentos, câmeras de vídeo e luzes de rua inteligentes. Pesquisas para desenvolver o 5G começaram pela coreana Samsung, em 2008, e depois começaram investimentos em pesquisa no Reino Unido, logo seguido pela União Europeia como um todo, Índia e Israel em conjunto, Japão e, por fim, em 2013, a Huawei. Hoje, cinco empresas vendem sistemas 5G para as operadoras: Huawei, ZTE (também chinesa), Nokia (finlandesa), Samsung (coreana), e Ericsson (sueca). O Reino Unido, principal aliado dos EUA, devem comprar parte dos equipamentos para 5G da Huawei, mas apenas partes menos vitais, como antenas. O chamado *core*, o centro de controle da rede, não será comprado da China.

O volume de conexões móveis realizadas nas redes 5G deverá chegar a 35% do total de conexões até 2024, segundo a pesquisa Ericsson Mobility Report¹¹, divulgada em junho de 2019. O levantamento indica que, atualmente, há 1 bilhão de conexões móveis de IoT em todo o mundo, e que este número deverá chegar a 4,1 bilhões, até o final de 2024. Cerca de 45% desse total serão aparelhos e aplicações como sensores de rastreamento e medição, equipamentos médicos e de transporte.

O Brasil planeja fazer um leilão das faixas de frequência do 5G em março de 2020. Alguns testes já começam a ser feitos e a velocidade alcançada foi de 1000 Mbps num

¹¹ Disponível em: <https://www.ericsson.com/assets/local/mobilityreport/documents/2019/ericsson-mobility-report-june-2019.pdf>. Último acesso em 27/06/2019

piloto realizado pela operadora TIM em Florianópolis em junho de 2019¹². A operadora utilizou equipamentos da Huawei.

Para este artigo, nos apoiamos em bibliografia da Economia Política da Comunicação, especialmente César Bolaño (2000; 2004; 2017), e outros autores da EPC ou que dialogam com ela. Além disso, foi feito um acompanhamento das notícias sobre o tema pela grande imprensa, sendo que o acompanhamento diário se deu na leitura de reportagens e artigos do site BBC Brasil e do jornal brasileiro O Globo, do Rio de Janeiro. O período de acompanhamento foi de 16 de maio a 30 de junho de 2019.

Capítulo I - O que é a Huawei?

A Huawei é uma empresa chinesa de celulares e equipamentos de telecomunicações fundada em 1987 em Shenzhen, local considerado o Vale do Silício da China. Na década de 1980, o governo chinês fomentou a criação de empresas exportadoras, formando uma zona de empresas que se integrariam ao mercado global, mantendo-se o Estado comunista. No que diz respeito à produção e venda de telefones celulares, a companhia chinesa está em segundo lugar no mundo, atrás da líder da sul-coreana Samsung e à frente da americana Apple. Ela é a maior fornecedora de equipamentos para redes de telecomunicações do mundo, tendo ultrapassado a sueca Ericsson em 2012.

O fundador da empresa é Ren Zhengfei¹³, que era engenheiro do Exército de Libertação do Povo Chinês no início dos anos 1980¹⁴. Em seu site, a Huawei afirma que é comprometida com a criação de valor para operadoras de telecomunicações, empresas e consumidores, oferecendo produtos e soluções de alta qualidade e inovação em mais de 170 países e territórios. Com mais de 180 mil funcionários em todo o mundo, a empresa atende mais de um terço da população mundial.

Há mais de 20 anos no Brasil, a Huawei é líder no mercado nacional de banda larga fixa e móvel por meio das parcerias estabelecidas com as principais operadoras de

¹² Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/143078-tim-primeira-demonstracao-uso-5g-tecnologia-huawei.htm>. Acesso em 27/06/2019.

¹³ Disponível em: <https://www.huawei.com/br/about-huawei/corporate-information>. Acesso em 25/6/2019.

¹⁴ “Huawei: um guia simples para entender por que a gigante chinesa é alvo de tanta polêmica”. BBC Brasil, 27/4/2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48046249>. Acesso em 17/6/2019.

telecomunicações e possui escritórios nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Curitiba e Recife, além de um centro de distribuição em Sorocaba (SP) e um Centro de Treinamento em São Paulo¹⁵.

Apesar de Ren Zhengfei ser o fundador da empresa, e considerado por muitos como o dono, o site da Huawei diz que ela é:

uma empresa privada totalmente comandada por seus funcionários. Através do Sindicato da Huawei Investment & Holding Co., Ltd., implementamos um Esquema de Participação de Funcionários que envolve 96.768 funcionários acionistas. Nenhuma agência do governo ou organização externa detém ações na Huawei. [...] Os membros do Esquema de Participação de Funcionários elegem 115 representantes para formar a Comissão de Representantes. Essa Comissão elege o Presidente do Conselho e os outros 16 diretores do mesmo. O Conselho de Administração elege quatro vice-presidentes e três diretores executivos. Três vice-presidentes se revezam como presidentes rotativos da empresa. O presidente rotativo lidera o Conselho de Administração e seu Comitê Executivo durante o mandato¹⁶.

Capítulo II – Interesses político-econômicos dos EUA na ofensiva de Trump

Quem dominar o 5G no mundo terá um grande poder econômico e geopolítico, e essa é a razão da briga. O presidente americano Donald Trump diz acreditar que a China pode usar a Huawei para espionar os EUA¹⁷. Não cabe a esse artigo julgar se isso é possível, provável ou impossível. Nosso objetivo não é defender um ou outro, mas sim analisar o que está ocorrendo numa área que mexe diretamente com as vidas das pessoas e com a economia, mas na qual o Brasil não tem protagonismo algum.

O Brasil tem um imenso mercado consumidor, no entanto, a disputa pela hegemonia da Internet das Coisas (IoT) guarda semelhanças com o pacto colonial em que o país exportava matéria prima e importava produtos manufaturados. Se na época do Brasil Colônia víamos sair do país cana-de-açúcar e metais preciosos, agora o que se fornece são milhões de “nativos” dependentes desses “manufaturados pós-modernas”. EUA e China são “colonizadores digitais”. Em vez de desbravarem mares turbulentos e

¹⁵ Disponível em: <https://www.huawei.com/br/about-huawei/corporate-information>. Acesso em 25/4/2019.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Não cabe a esse artigo julgar se isso é possível, provável ou impossível.

desconhecidos com bússolas e astrolábios, os novos colonizadores navegam com aplicativos de última geração, que fornecem aos colonizados a oportunidade do consumo e a sensação de pertencimento a uma aldeia hiperconectada. Essa aldeia hiperconectada forma também uma *Ágora Digital*, um espaço que pode ser definido como o da vida social, em que são realizados em várias arenas debates sobre os mais diversos objetos de interesse (BRITTOS & GASTALDO, 2006). Se a esfera pública moderna surgiu numa tentativa da burguesia de neutralizar a diferença entre seu poder econômico e o reconhecimento de seu papel perante a sociedade, a esfera pública digital pós-moderna não busca a conciliação, e sim a mediação de hábitos, consumos e opiniões. A competição nesta nova realidade não é pelo melhor argumento e conseqüentemente, pela melhor narrativa. A disputa é para ser dono dos meios de produção e dos formadores de hábitos dos usuários. Ao ajudar a formar esse hábito, os “colonizadores digitais” podem explorar comercialmente as informações que detêm.

Para o sociólogo Boaventura Santos, não podemos dizer que o colonialismo passou. Ele afirma que “vivemos em sociedades nas quais não se pode entender a opressão ou a dominação, a desigualdade, sem a ideia de que continuamos sendo, em muitos aspectos, sociedades coloniais” (2007, p.59). E não é que sejamos simplesmente dominados, mas nos deixamos dominar, coisa que a China não está fazendo.

O grande problema daquilo que estamos criticando é que se confunde aquilo que é característico de qualquer sociedade capitalista com aquilo que é dado pela situação particular dessa sociedade no que se refere à divisão internacional do trabalho. Imputa-se todos os males do sistema ao fato de o país ser imperializado, esquecendo-se de que a dominação social se dá fundamentalmente na forma de ascensão de uma classe social sobre outra e não externamente, como se a economia dos países periféricos fosse absolutamente reflexa, limitando-se a relação entre o imperialismo e o capitalismo nacional dos países subdesenvolvidos a uma relação entre os setores nacionalistas da burguesia nacional e setores ‘amarrados’ ao capital internacional, ou outros equívocos semelhantes. O fato é que uma análise que parte de um pressuposto ideológico pretensamente radical se torna de todo irrelevante do ponto de vista do conhecimento objetivo da realidade e, por ironia, serve ideologicamente para encobrir as reais contradições existentes em qualquer sociedade capitalista, transferindo para fora toda a discussão. Com isso, acaba-se até mesmo por não se entender o significado da dominação imperialista e os mecanismos pelos quais ela se exerce” (BOLAÑO, 2000, p. 37).

A ofensiva de Trump envolve dois inquéritos em curso no Departamento de Justiça dos Estados Unidos no qual a Huawei é acusada de fraude bancária, obstrução de Justiça e roubo de tecnologia da empresa T-Mobile. Nada ainda foi comprovado, e não

há nenhum processo que envolva espionagem de pessoas ou de países. Mesmo assim Trump classificou a empresa como suspeita e uma ameaça à segurança nacional americana.

Por conta do primeiro processo, Meng Wanzhou, diretora financeira da Huawei e filha do fundador Ren Zhengfei, foi presa no Canadá quando fazia uma conexão de voo em direção ao México. Corre no Canadá o processo para sua extradição para os Estados Unidos, para que seja julgada lá, e depois da prisão, ela passou a usar tornozeleira eletrônica. A principal acusação sobre Meng é de que a Huawei teria negócios secretos com o Irã - país que é alvo de sanções econômicas dos EUA. Segundo o presidente americano Donald Trump, companhias que negociam com iranianos não podem negociar com os EUA.

O segundo processo inclui a acusação de que a empresa chinesa teria tentado roubar segredos tecnológicos de companhias americanas. Um funcionário da Huawei teria roubado um braço eletrônico da empresa T-Mobile.

Sobre o processo envolvendo Meng, a Huawei afirma que, de acordo com a lei canadense, ninguém deve ser extraditado para enfrentar punição em outro país por conduta que não é considerada criminosa no Canadá. Para os advogados da executiva, as alegações dos EUA contra Meng são baseadas em violações de sanções unilaterais impostas pelos Estados Unidos em serviços financeiros no Irã. No entanto, segundo eles, o Canadá não impõe tais sanções. Os advogados de Meng apresentarão uma moção em janeiro de 2020, contestando o pedido dos Estados Unidos de extradição por alegações de fraude. A Huawei nega todas as acusações e garante que não é agente do governo chinês. Houve uma reação imediata por parte da China, prendendo dois canadenses acusados de atentar contra a segurança nacional, e outros dois enfrentam acusações de tráfico de drogas, podendo ser condenados a pena de morte.

Com o decreto do estado de emergência, Trump pôde mandar o Google, empresa americana, sair dos celulares fabricados pela Huawei, sendo que o P30 Pro tinha chegado às lojas extremamente barato para o alto nível tecnológico; aplicativos e serviços do Google também sairiam dos celulares novos a partir de agosto. O Facebook também anunciou que sairia dos celulares da empresa.

A Huawei teve que começar a desenvolver um sistema próprio para substituir o Android no futuro. Enquanto isso, perguntado pela imprensa, o presidente da Google

Brasil, Fabio Coelho, disse que a decisão de Trump pune os usuários¹⁸. Em junho, o Google pediu ao governo Trump para não ser obrigado a deixar de fazer negócio com a Huawei¹⁹. Se a chinesa desenvolver sistema próprio, o Google deixará de ter acesso aos dados dos usuários desses celulares, e este acesso é base para o seu modelo de negócios. Apenas com este conhecimento detalhado sobre os usuários o Google consegue vender anúncios direcionados, podendo cobrar bem mais caro por isso.

É importante ressaltar que a preocupação desses conglomerados não está absolutamente localizada nos usuários, mas na redução da capacidade de monetização que pode surgir com essa crise do capitalismo de vigilância que operam. O capitalismo de vigilância é um conceito introduzido por Shoshanna Zuboff, pesquisadora e professora de administração de negócio pela Harvard Business School no ensaio “Big Other: surveillance capitalism and the prospects of an information civilization” (2015). Zuboff apresenta o *big data* não como tecnologia, mas como um componente que funda uma lógica de acumulação intencional para produzir lucro e controle de mercado a partir da captura de dados e informações digitalizadas das pessoas que usam determinados serviços em ambientes digitais. Segundo ela, essa automação do capitalismo contemporâneo não só impõe informação, como produz informação em escala massiva.

O capitalismo de vigilância qualifica uma nova forma de acumulação com uma nova política e relações sociais que substituem os contratos, o Império do Direito e a confiança social pela soberania do “Grande Outro”. [...] O Grande Outro existe na ausência de autoridade legítima e é largamente livre de detecção ou sanção (ZUBOFF, 2015, p. 83).

Dessa forma, para essas plataformas que trabalham com a mineração de dados o acesso aos usuários desses *devices* e sistemas é fundamental para a continuidade e rentabilização de seus negócios. E, como alerta Dantas (2003), o meio onde ocorrem as trocas simbólicas para a fidelização das audiências é tão relevante quanto a constituição da audiência. E o controle desse meio está em disputa nesta guerra fria tecnológica que presenciamos entre a gestão de Trump e a potência chinesa que desenvolve os equipamentos para rodar o 5G.

¹⁸ MATSUURA, Sérgio. “Google: remover aplicativos da Huawei prejudica consumidores”. In: O Globo, 7/6/2019, p. 10.

¹⁹ “Google alerta EUA para risco de banir Huawei”. In: O Globo, 8/6/2019, p. 21.

A audiência fiel precisa ser retida pelo seu produtor para que ele possa *licenciar*, digamos assim, o acesso a ela por parte dos produtores publicitários, semelhantemente ao produtor de programas de computador que licencia o acesso aos seus programas por parte dos usuários. O que garante àquele produtor cultural exercer este poder de controlar um *direito de acesso*, não será apenas a fidelização de uma audiência aliás muito volúvel, mas principalmente o controle de algum *meio físico* de acesso a tal audiência, seja a banda de frequência espectral, ou o cabo de televisão etc. Na medida em que a audiência somente pode ser atingida através de um canal físico de comunicação, o domínio desse canal passa a ser um instrumento poderoso de açambarcamento das *rendas* oriundas do trabalho do artista com o seu público (DANTAS, 2003, p. 27).

Laymert Garcia dos Santos explicita em seu artigo “A informação após a virada cibernética” (2001), como a “virada cibernética” promove a aliança entre o capital, ciência e tecnologia. Ele relata como o capitalismo informacional que nasce a partir da junção desses vetores transforma o mundo num inesgotável banco de dados e como a informação reconfigura o trabalho. “A virada cibernética deu novo fôlego ao capital e fragilizou sobremaneira os trabalhadores, os pobres e os excluídos de todo o mundo” (SANTOS, 2001, p. 33). A partir dessa aliança, o foco dos negócios se desloca para as possibilidades de serviços de mediação, atividades que permitem o garimpo e mineração de informações que possam ser “traduzidas em novas configurações e apresentadas como inovações” (idem).

O economista canadense Nick Srnicek, em seu livro “Platform Capitalism” (2017), também reconstrói historicamente o ambiente e o momento do capitalismo que propicia o surgimento desses grandes conglomerados com negócios baseados em plataformas digitais. Apresenta seus modos de funcionamento e potencialidades de expansão, as categoriza em quatro padrões de ofertas de serviços e mostra como seu crescimento se dá de forma rápida: se a plataforma consegue ser bem-sucedida na criação de seu próprio mercado, acaba monopolizando-o. Srnicek traz uma definição curta e precisa do “efeito de rede” e do “custo de troca”: quanto mais usuários usam uma plataforma, mais valiosa será a plataforma para todos os outros. E exemplifica com a atuação de duas plataformas sociais, Facebook e Google.

O Facebook, por exemplo, tornou-se a plataforma de redes sociais padrão, simplesmente em virtude do grande número de pessoas nele. Se você deseja se juntar a uma plataforma para se socializar, você se juntará à plataforma onde a maioria de seus amigos e familiares já estão. Da mesma forma, quanto mais

usuários pesquisarem no Google, melhor se tornam seus algoritmos de busca e quanto mais se torna útil para os usuários. Mas isso gera um ciclo pelo qual mais usuários geram mais usuários, o que leva as plataformas a terem uma tendência natural para a monopolização. Também oferece às plataformas uma dinâmica de acesso cada vez maior a mais atividades e, portanto, a mais dados. Além disso, existe a capacidade de escalar rapidamente muitos outros negócios dentro da mesma plataforma, já que pode usar a infraestrutura existente. Uma das razões para o rápido crescimento de Uber, por exemplo, é que não precisa construir novas fábricas, apenas precisa alugar mais servidores. Combinado com os efeitos de rede, isso significa que as plataformas podem crescer muito, muito rapidamente”. (SRNICEK, 2017, p. 42, tradução do autor).

Esse mundo em que as pessoas fazem questão de ser vistas e opinar sobre qualquer coisa, potencializa a necessidade de acabar com o sigilo. Antes falava-se olho no olho, o confessionário das igrejas era um lugar isolado e escuro. O confessor nem olhava diretamente no rosto de quem estava abrindo o coração. No mundo atual não há necessidade de estar fisicamente próximo da confissão. A tecnologia permitiu expandir essa voz. No entanto, o aumento do alcance esgarça o laço entre as pontas da mensagem.

A fragilidade das conexões, a existência de meios instantâneos de desconexão, enfim, a combinação de facilidades para “conectar-se” com a possibilidade de interromper de modo indolor e igualmente instantâneo a situação de “estar conectado” no momento em que nos parecer inconveniente – tudo isso parece de adaptar de modo especial à dialética das relações tortuosas entre o público e o privado” (BAUMAN, 2011, p. 43).

A disputa do 5G também abarca outros atores, como os produtores de chips de processamento de dados norte-americanos. Fabricantes de semicondutores e componentes, como Qualcomm, Nvidia, Intel, Xilinx, Skyworks Solutions e Macom Technologies são responsáveis pela fabricação de chips para smartphones, videogames e data centers, e também constituem um grupo exposto a essa guerra digital. Somente em 2018, os Estados Unidos foram responsáveis pela produção de aproximadamente metade dos US\$ 470 bilhões em chips vendidos no mundo todo. E a China foi seu principal mercado comprador.

Um dos momentos marcantes em que o Brasil jogou fora a possibilidade de se auto-sustentar nessa nova ordem econômica mundial foi o da privatização do sistema Telebras (em 1998), e Bolaño *et. al.* explicam em que contexto isso se deu:

A existência, no conjunto das indústrias culturais, de um oligopólio global dominado pelas *majors* norte-americanas, no cinema e na indústria fonográfica, não diminuía o poder das empresas monopolistas (estatais) ou oligopolistas nacionais dos mercados de rádio e televisão.

No caso das telecomunicações, a ruptura desse modelo se dará a partir da fragmentação do monopólio da AT&T, nos Estados Unidos, que passam então a pressionar pela liberalização do setor em todo o mundo, de acordo com sua estratégia de retomada da hegemonia industrial, fortemente questionada, nos anos 70, nos setores de ponta do período expansivo do pós-guerra. A reestruturação produtiva em curso, agora, haveria de colocar no centro do processo de expansão capitalista, entre outros, setores como o das telecomunicações, da informática e da produção de conteúdos, nos quais a indústria norte-americana apresentava vantagens inquestionáveis [...]. O fato é que todo o sistema mundial das telecomunicações deverá adaptar-se, a partir de então, a esse movimento estratégico da potência norte-americana (2017, p. 10-11).

O fato é que Trump vem tentando recuperar este poderio da época descrita por Bolaño et. al., seguindo seu slogan de campanha “Make America great again”²⁰, frente à investida da China na economia mundial. Como se ser o país sede das quatro grandes da comunicação digital, Google, Facebook, Amazon e Apple, não fosse poder suficiente.

Considerações Finais

Enquanto o governo dos EUA briga com o da China por causa de empresas de tecnologia que, na época do capitalismo informacional, representam poder econômico e político, o Brasil é refém de um ou de outro. Não temos uma política industrial nem incentivo a pesquisas científicas que deem conta de termos uma independência na área da tecnologia da informação e comunicação, que hoje ocupa a posição central dos negócios e da sociedade.

Com isso, mantemos uma posição de subserviência a outros países com domínio tecnológico. Não interessa ao Brasil entrar em guerra com a China, os EUA, os países europeus ou quem quer que seja. Mas, no limite, se houver alguma guerra, nas mãos de quem estaremos para nos colocar na posição de vítimas de *shut down* na infraestrutura de rede elétrica, das telecomunicações, etc? A mera ameaça pode nos levar a abrir mão de decisões soberanas relativas a sistemas de saúde e outras áreas cruciais. Qualquer disputa comercial ou financeira pode ser ganha por outro país com base neste tipo de ameaça, da

²⁰ Em tradução livre, Faça a América grandiosa de novo.

mesma forma que o governo norte-americano já nos ameaçou (e cumpriu) no passado recente com elevações de tarifas de exportação de laranja e aço.

A opção pela subserviência nos coloca no lugar de vítimas das circunstâncias, quando poderíamos nos apoderar de nossos recursos (materiais e humanos) para ser protagonistas nessa área de tecnologia da comunicação que hoje domina o globo. E ter o poder de decidir de que forma faríamos uso dessa tecnologia para benefício do interesse público, e não de um ou outro oligopólio.

A subserviência brasileira na área tecnológica foi posta à prova à época do primeiro governo Lula, no processo de escolha do modelo e padrão tecnológico para a digitalização da televisão aberta. Porém, por conta do escândalo do mensalão, o governo perdeu força e teve que negociar com aquele lado da política e do empresariado para quem a expressão interesse público não figura em seu campo semântico. Para o atual governo brasileiro, esse tipo de investimento não deve ser incentivado, pois nosso povo deve estar do lado dos peões na divisão internacional do trabalho. Basta saber ler, escrever e fazer conta, como já disse o presidente Jair Bolsonaro, e, acrescentamos nós ao que fica implícito nas declarações do presidente da República, deixar que alguns poucos ganhem muito dinheiro e que outros países sejam dominantes.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Z. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

BOLAÑO, César. **Indústria cultural: informação e capitalismo**. São Paulo: Hucitec/Polis, 2000.
_ **Mercado Brasileiro de Televisão**. 2. ed. rev. e ampl. – São Cristóvão, SE: Universidade Federal de Sergipe; São Paulo: Educ, 2004.

_ BOLAÑO, César; MENEZES, Paulo V.; HERSCOVICI, Alain; BRITTOS, Valério; MOURA, Fabio; VIEIRA, Eloy. **Economia Política da Internet vol. 2: Jornalismo Online**. São Cristóvão-SE: Editora UFS, 2017.

BRITTOS, V., GASTALDO, E. Mídia, poder e controle social. **Revista Alceu** v.7, nº 13, 006, p. 121-133.

DANTAS, Marcos. **Informação e trabalho no capitalismo contemporâneo**. Lua Nova
[online]. 2003, n.60, pp.05-44. Rio de Janeiro, 2003

ZUBOFF, Shoshana. Big other: surveillance capitalism and the prospects of an information
civilization. **Journal of Information Technology**, v. 30, n. 1, p. 75-89, 2015.